

## Grade Românica (Século XIII)

**Manuel de Freitas**

*à memória de Jorge de Sena, e podendo servir de abraço concreto a um outro poeta de que ambos fomos amigos*

Termina mais um ano, e alguns dos poetas meus contemporâneos indignam-se por não verem os seus livros incensados nos habituais balanços literários. Espreitam-se e vigiam-se, como bons leprosos, tentando ignorar que, daqui a três ou quatro décadas, ninguém se lembrará de nós. Poucas, muito poucas, palavras permanecem. E isso em nada depende da vontade dos escritores, do favor das musas ou do arbítrio divino. O único mistério da poesia, tal como da música, é esse: a permanência, através dos séculos, de um gesto que se mantém inaugural e irrepetível. Nunca saberemos ao certo quantos contemporâneos de Villon ou de Ockeghem foram inexoravelmente apagados pela História.

\*

Este texto não existiria se eu não tivesse visto ontem, no claustro da Sé de Lisboa, uma grade românica do século XIII. Há oito séculos que estes pássaros não cantam, que estas cobras não deslizam pela relva húmida, que estas osgas não sobem paredes esboroadas. Ninguém sabe, aliás, que mãos lhes deram forma, que nome atribuir à

beleza leve e robusta desta grade. Sabemos apenas, como diria Rui Chafes, que ali o ferro se fez vento – e que o vento chegou até nós, incólume e cantante. Estes pássaros, estas cobras, estão muito mais vivos do que nós, indiferentes a modas, balanços e ao Juízo Final. Não têm tempo, porque são o próprio tempo, traduzido em ferro por mãos feitas de nada e de ossos breves.